

# A questão da Ação Afirmativa está em pauta no Brasil

Peter T. Nash, Ph.D.

Várias faculdades já reservaram vagas para pessoas negras e indígenas. Até a capa da revista direcionada a pessoas que trabalham na administração de faculdades e de universidades brasileiras, Educação Superior, botou o assunto na capa da edição de agosto. Nas conversações entre os aspirantes ao trono de FHC e universitários e universitárias, a questão de cotas, alvos e metas não falta. O Globo do dia 18 de agosto de 2002 destacou as gafes e os desencontros de Ciro Gomes consigo mesmo. Um dia disse uma coisa e retirou-a no próximo dia. No fim reelaborou a sua fala, dizendo que ele precisa do conselho de uma pessoa que conheça melhor o que seria um bom programa para o Brasil.

## Porque estou a favor da Ação Afirmativa?

*Estes programas funcionam bem.* Sou um filho destas políticas e sei que na medida em que elas entraram em vigor nos EUA, fizeram um grande sucesso. Havia uma época nos EUA, em que todos os médicos, advogados e boa parte dos pastores negros eram formados por um

sistema paralelo e separado das universidades para os brancos. Ainda na minha geração poucas pessoas negras e latinas tinham a oportunidade de estudar numa boa faculdade.

## Injustiças passadas não me importam: eu me preocupo com as injustiças atuais

Acredito que há uma dívida significativa para todo o trabalho forçado dos Africanos, depois dos Afro-descendentes e mais tarde para o trabalho braçal que foi subvalorizado. Também vejo como justo o clamor para a restituição pelos danos em milhares de casos, nos quais vários sistemas sociais conspiraram, com sucesso, para bloquear o caminho de uma pessoa negra. Apesar disso, opto por entender reparações e ação afirmativa como questões distintas. O Brasil usufrui de uma boa reputação no que diz respeito às



---

"relações raciais", mas tal reputação é baseada no mito da "democracia racial". Anthony Marx, um antropólogo que escreveu sobre raça nos EUA, Brasil e África do Sul, {Marx 1994} acredita que o mito foi alimentado cuidadosamente para agilizar a dominação do povo negro.

A lógica de Marx é que a falta de linhas firmes entre os vários grupos étnicos e a proliferação de dúzias de categorias raciais mantiveram sempre viva a esperança de que indivíduos, ou pelo menos seus descendentes, pudessem melhorar seu estado racial informal. Esse sistema exercitou tanta influência nas suas vidas quanto qualquer sistema formal, bem como aqueles do "separados mais iguais" nos EUA e do *apartheid* (separados) na República da África do Sul.

Em qualquer caso, não importa qual índice seja escolhido, **os dados de hoje** mostram que no Brasil, em média, as pessoas Afro-descendentes nunca usufruem dos benefícios de cidadania no mesmo nível que as pessoas de descendência europeia. Quer dizer que, em qualquer âmbito: acesso aos serviços de saúde, à renda, acesso à formação acadêmica e técnica, o caminho para a cidadania plena é mais rigoroso e mais longo para os Afro-descendentes do que é para os descendentes dos europeus.

## Será bom para o Brasil

Mais de metade dos Brasileiros são Afro-descendentes. Quer dizer que, mais da metade da população brasileira está sendo excluída do seu direito e do seu dever de contribuir para e de compartilhar a riqueza do avanço do Brasil. Se o Brasil optar por continuar não aproveitando toda a sua capacidade humana, ele não pode participar do mundo moderno como ele é. Nenhum país pode competir no mundo atual com somente metade de sua população. Também o evangelho nos convida para um banquete, no qual todos compartilham na medida das suas necessidades. Não dá para importar mais uma coisa do mercado Estadunidense ou Australiano, nem Sul Africano. No ensino básico, médio e superior somos líderes inovadores. É um dom de Deus que temos da nossa tradição alemã. Mas como todos os dons dados por Deus, se ficamos com tudo, ela apodrece, assim como a maná na época do Êxodo. O que temos tem que ser suficiente para a comunidade inteira.

A diferença agora é que a comunidade não é mais somente aquela pessoa de pele clara e com sotaque alemão.

---

Peter T. Nash é Professor de Antigo Testamento e Hermenêutica Negra na Escola Superior de Teologia da IECLB. Também é coordenador do Projeto Negritude na Bíblia e na Igreja, desenvolvido nesta mesma instituição.